economia



Visão de mercado

João Satt
Estrategista e CEO do G5
joaosatt@gcinco.cc

Elimine a lacuna

Uma das frases mais marcantes que ouvi na vida foi: "Quem está perto do cliente está forte. Quem está longe está fraco". Não há como compreender o mercado sem gastar sola de sapato, empurrar balcão com a barriga e escutar quem compra, recomenda ou rejeita.

Parece óbvio, mas o óbvio costuma ser a primeira vítima da pressa. Multiplicamos reuniões, relatórios e indicadores, enquanto nos afastamos da realidade. Dados revelam padrões; proximidade revela razões. E são elas que explicam as escolhas. O maior risco de um CEO não é desconhecer as respostas, mas acreditar que conhece suficientemente a realidade para deixar de fazer perguntas.

1. A primeira lacuna está entre quem decide e quem vive o mercado. Escuta ativa não é ouvir para confirmar convicções. É investigar expectativas, resistências e motivações. Estratégia sem escuta vira adivinhação.

2. A segunda lacuna separa o que a empresa considera importante daquilo que o cliente reconhece como valor. Muitas empresas investem em diferenciais que pouco influenciam a decisão de compra. O produto pode estar certo, mas a proposta, errada. Quem define valor não é quem vende, mas quem compra. Diferencial não reconhecido é custo, não vantagem competitiva.

3. A terceira lacuna está entre estratégia e execução. De que adianta uma proposta extraordinária se marketing, vendas e operação não conseguem entregá-la? A campanha conquista aplausos, o vendedor oferece descontos e o cliente procura alternativas. Cada área cumpre suas metas, mas o negócio não avança.

> A diferença estará na proximidade com o mercado, na capacidade de compreender suas transformações e na agilidade para fazer acontecer

O marketing precisa conhecer o negócio que pretende impulsionar. Sua função não termina na comunicação: deve gerar demanda, construir preferência, acelerar vendas e proteger margens. Cabe ao CEO alinhar quem promete, quem vende e quem entrega. Não se constrói uma marca forte com uma corrente de valor desconectada.

Produtividade, eficiência, inovação e crescimento ocupam a agenda dos líderes. Tudo legítimo. Mas tecnologia sem compreensão do cliente também acelera erros; cortar custos sem entender o valor percebido pode eliminar justamente o que sustenta a preferência.

Em 2027, mais importante do que repetir que será um ano desafiador é estar preparado para identificar e conquistar oportunidades. Enquanto alguns enxergarão apenas restrições, outros encontrarão caminhos para crescer. A diferença estará na proximidade com o mercado, na capacidade de compreender suas transformações e na agilidade para fazer acontecer. Insights não nascem apenas nas salas de reunião. Surgem no campo, da escuta, da observação e das perguntas certas. Escutar exige presença e ação. Proximidade gera conhecimento; conhecimento bem aplicado constrói valor, atratividade e diferenciação. Quem vende valor conquista margens. Quem vende apenas produto disputa preço.

E você, considera que está suficientemente próximo da realidade do mercado para saber o que priorizar, onde investir e quais decisões tomar? Elimine a lacuna. Se estiver perto de quem realmente importa, 2027, com certeza, será um ano memorável para o seu negócio.

João Satt escreve neste espaço, às quartas-feiras, a cada duas semanas

Um mês após eleição, Bolsa amarga perda de R$ 1 trilhão

Mercado passou a prever juros e inflação maiores e PIB menor em 2027

/ MERCADO FINANCEIRO

Gabriel Margonar
gabrielm@jcrs.com.br

AFP



Petrobras liderou as baixas, com recuo de R$ 230,3 bi em valor de mercado

Um mês depois de o mercado financeiro brasileiro protagonizar uma das reações mais negativas a um resultado eleitoral em sua história recente, pouco do que se perdeu naquele primeiro pregão foi recuperado. Pelo contrário: desde a reeleição do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT), em 25 de outubro, a Bolsa brasileira acumula perdas superiores a R$ 1 trilhão em valor de mercado, o dólar chegou à barreira dos R$ 6 e o Banco Central interrompeu o ciclo de redução da taxa básica de juros.

Levantamento da consultoria Elos Ayta, que compara o fechamento dos pregões de 23 de outubro, última sessão antes do segundo turno das eleições, e de 23 de novembro, mostra que o Brasil teve o pior desempenho tanto no mercado acionário quanto no cambial entre as economias analisadas.

Em reais, o Ibovespa acumula uma queda de 19,64% no período. Quando convertido em dólares, porém, o tombo chega a 32,20%, o maior entre os 21 índices acionários internacionais contemplados pelo estudo. Na sequência aparecem as bolsas da Argentina (-23,70%) e da Colômbia (-15,03%). Nos Estados Unidos, o S&P 500 recuou 5,07%. De modo geral - é importante ressaltar -, o último mês foi negativo para as bolsas mundiais, com 20 dos 21 índices analisados registrando perdas em dólares.

O movimento é semelhante no câmbio. O Real foi a moeda que mais perdeu valor frente ao dólar entre as 27 divisas analisadas, com desvalorização de 15,63%, praticamente o dobro da registrada pelo peso colombiano (-8%), segundo pior desempenho do levantamento.

Antes do segundo turno, a moeda americana era negociada na casa dos R$ 5. No primeiro pregão após a vitória de Lula sobre Flávio Bolsonaro (PL), o dólar saltou mais de 8%, para R$ 5,40, enquanto o Ibovespa despencou 13,88%. Na segunda-feira, a divisa americana atingiu R$ 6.

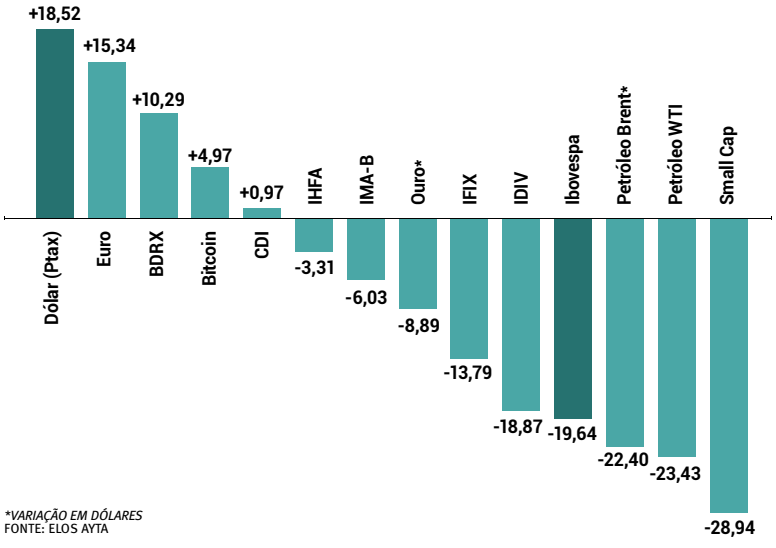
"A intensidade da desvalorização do real, combinada com a alta dos juros futuros, aponta para uma reprecificação do nosso risco doméstico", avalia Roberta Folgueral, diretora de câmbio da B&T | XP. Juntas, as empresas listadas na B3 passaram de R$ 5,684 trilhões para R$ 4,642 trilhões em valor de mercado, uma redução de R$ 1,042 trilhão. Desse montante, R$ 734 bilhões foram perdidos somente no primeiro pregão após as eleições. A redução do valor de mercado, contudo, não representa necessariamente uma saída efetiva de recursos da Bolsa.

Os bancos foram os mais atingidos, com perdas de R$ 359 bilhões, seguidos pelo setor de exploração, refino e distribuição de petróleo, com R$ 270 bilhões. Os dois segmentos concentram cerca de 60% da desvalorização das companhias brasileiras no período. Individualmente, a Petrobras lidera as perdas, com redução de R$ 230,3 bilhões em seu valor de mercado, em um mês também marcado pela queda de mais de 22% no preço internacional do petróleo Brent. Na sequência aparecem BTG Pactual (R$ 119,1 bilhões), Itaú Unibanco (R$ 100,4 bilhões), Bradesco (R$ 67,8 bilhões) e Banco do Brasil (R$ 60,1 bilhões).

As perdas se estenderam a diferentes classes de investimentos. O índice de ações de empresas de menor capitalização (Small Caps) recuou 28,94%, enquanto o índice de fundos imobiliários (Ifix) caiu 13,79%. Mesmo os títulos públicos atrelados à inflação perderam valor com a alta dos juros futuros: o IMA-B, que acompanha esses papéis a preços de mercado, recuou 6,03%. Na contramão, o CDI rendeu 0,97% e o índice de BDRs, que representam ativos negociados no exterior, avançou 10,29%.

Melhores e piores investimentos no último mês

Rentabilidade dos principais indicadores de investimento e referências de mercado entre 23 de outubro e 23 de novembro de 2026 (em %)



*VARIAÇÃO EM DÓLARES
FONTE: ELOS AYTA